

DEPOIMENTO

Ramon da Silva Ramos*

A infância e adolescência na Usina Trapiche e os primeiros passos no futebol

Meu nome é Ramon da Silva Ramos. Eu sou natural da Usina Trapiche, Sirinhaém. E iniciei [minha carreira] como atleta de futebol exatamente na Usina Trapiche. Meu pai era o responsável pelo atendimento médico na Usina e cuidava dos atletas. Naquele tempo tinha um campeonato das usinas. Na Usina Trapiche ele era responsável pelo tratamento dos atletas do Rosário Esporte Clube. E eu acompanhava todo esse movimento ainda criança. E o meu lazer, a minha brincadeira era exatamente no campo da Usina, que é um campo aberto. E eu me juntava ali [com] os meus amigos. E era bate-bola o dia todo. Na hora em que eu não estava estudando, estava lá com a minha bola junto com os meus amigos. Isso, ali, na faixa de 13, 14 e 15 anos. E para felicidade nossa o gerente da Usina Trapiche, doutor Marcelo Carneiro Leão, não queria ver nenhum garoto sem atividade. Aí, passou o quê? Criou a escolinha de futebol. Todo filho de funcionário tinha que trabalhar na Usina e estudar música. Eu trabalhei como ajudante de torneiro, em almoxarifado. E tinha o horário, tinha o ponto e nós trabalhávamos de sete às 11, tinha uma hora e meia para o almoço, voltava a uma hora e tinha que sair da Usina às 5 horas. Mas como eu tocava na banda de música, eu estudava música, aí, tinha meia hora para poder ter os ensaios da banda de música. Como também era atleta do time da Usina, também tinha essa meia hora para poder fazer os treinamentos. Depois desse treinamento é que ia estudar. Tinha meia hora de caminhada até Sirinhaém, para estudar no Colégio Nossa Senhora das Graças. Então, esta foi minha infância. E através do meu desenvolvimento no time da Usina despertei a atenção de 'seu' Dario Souza, que era o técnico, que era um atleta que passou pela América. Ele era técnico do time da Usina. E seu Dario era o treinador do juvenil do Santa Cruz. E o irmão de Luciano Veloso, Paulo Veloso era atacante, centroavante,

* Técnico de futebol, Pernambuco, Brasil.

sofreu um acidente, quebrou a perna, e seu Dario me convidou para integrar a equipe juvenil do Santa Cruz. Só que ele mandou avisar em Sirinhaém que ia me chamar, mas demorou muito. Não ia... Eu estava sabendo, já jogava bem, tinha aquela confiança que já jogava bem. Eu falei assim: “Sabe de uma coisa, eu vou me apresentar no Santa Cruz”. E meu pai e minha mãe, para deixar eu vir sozinho a Recife, não deixavam. Aí, eu falei: “Tem um colega que vai me acompanhar para eu vir ao Recife e me apresentar ao seu Dario”. E desde que esse colega... O ônibus sai de Sirinhaém, passa pela Usina, e quando eu entro no ônibus, na Usina, 4h da manhã, procuro meu colega, meu colega não estava no ônibus. Aí, eu falei: “Agora eu vou ter que enfrentar, vou ter que ir em frente”. Aí, vim me embora.

A vinda para o Recife, o início no Santa Cruz e a opção definitiva pelo futebol

Cheguei aqui, na Rodoviária, na Rodoviária antiga, ali, perto do Cais de Santa Rita. Eu falei: “Olha, eu vou sair andando aqui em linha reta, porque se eu me perder eu pego o ônibus de volta e volto para Sirinhaém”. E nisso sai caminhando ali, pelo lado do rio, até um ônibus parado e eu perguntei ao cobrador: “Olha, qual é o ônibus que eu pego para chegar no Santa Cruz?”. E ele respondeu: “É esse ônibus aqui mesmo”. Um ônibus de Água Fria. Eu entrei no ônibus e pedi para o cobrador parar quando chegasse no Santa Cruz. E [quando chegou lá] ele pediu parada. Quando eu desci já ia caminhando Terto, Uriel e outros atletas do profissional. Aí, eu sai acompanhando e cheguei lá dentro do clube e me apresentei a ‘seu’ Dario Souza. Aí, o seu Dario: “Mas depois do treino eu ia lhe buscar”. “Mas o senhor demorou muito eu resolvi vir logo”. Aí, me apresentei, tomei o café, me preparei. Já me colocaram para treinar com o juvenil junto contra o profissional. E você sabe que no primeiro treino é sempre aquele nervosismo, aquela expectativa. E para felicidade minha quando começou o treino, com menos de cinco minutos de treino do juvenil contra o profissional, aí, numa jogada dentro da grande área, a bola parou na marca do pênalti, aí, eu chutei e fiz o gol. A primeira vez que eu peguei na bola, eu fiz o gol! E aquilo me deu uma confiança muito grande. Olha, no primeiro treino, você marcar um gol, logo contra o profissional. E, daí, aquilo ali me descontraíu mais e eu fui desenvolvendo tudo aquilo que eu tinha condição e qualidade como jogador

de futebol. Depois, me levaram, assinei meu contrato. Eu fui contratado para o juvenil. E com menos de dois meses, o Santa Cruz fez um jogo amistoso em Garanhuns e o auxiliar-técnico Amauri Santos me levou. Quer dizer, para mim, um garoto humilde, que tinha saído da Usina Trapiche, cheguei no Santa Cruz, com pouco tempo, com pouco menos de dois meses, já sair para jogar no time profissional, eu senti que realmente estava aprovado e que minha vida tinha que ser dedicada totalmente ao futebol. E outra coisa também que eu coloquei na minha cabeça: eu cheguei aqui e não quero mais ter volta, não quero voltar de forma nenhum. Vai ser daqui para frente. E passei a me dedicar de uma forma, que sempre procurei me preparar fisicamente, principalmente. Cumprir todos os meus deveres como atleta profissional. Ou seja, estar sempre concentrado naquilo que você vai fazer, estar sempre seguindo a orientação do treinador naquilo que é determinado, na parte tática dentro da equipe. E com isso aí fui me desenvolvendo, melhorando minha condição de alimentação, minha condição técnica e física, e com pouco tempo cheguei à equipe profissional.

A profissionalização, a afirmação e a fama como jogador de futebol nos anos de ouro do Santa Cruz

O Santa Cruz fazia dez anos que não ganhava um título em Pernambuco, isso em 1969, quando foi convidado 'seu' Gradim para ser o técnico, e ele aproveitou a base do Santa Cruz, ou seja, Luciano Veloso, Fernando Santana, Cuíca, Joel, Nivaldo, Uriel, Terto e outros. E a formação dessa equipe conseguiu fazer o Santa Cruz ser campeão em 1969. Eu, nesse ano, ainda participei de alguns jogos, mas [ficando] só no banco. A partir de 1970 eu [me] fixei como atacante da equipe principal do Santa Cruz. E disputei todo o campeonato pernambucano em 1970, inclusive, na decisão do campeonato, contra o Náutico, eu marquei o segundo gol. Aí, fui me firmando realmente como um atleta, como um atacante, que nos momentos mais decisivos marcava presença. É uma das coisas que eu transmito hoje, como técnico de categoria de base, que um atleta tem que ter isso aí... Eu sempre marcava minha presença quando jogava contra o Náutico, quando jogava contra o Sport em momentos decisivos; em momentos que você tem que decidir, você tem que chegar lá e marcar o seu gol. E, felizmente, isso sempre aconteceu comigo. O Santa Cruz foi bicampeão em 1970. Em 1971,

no tricampeonato, eu tive uma participação muito boa, muito importante, com muitos gols durante todo o campeonato. Em 1972, no tetracampeonato, também marquei minha presença jogando como titular. Em 1973, foi o ano de afirmação, porque eu consegui marcar 23 gols no campeonato pernambucano e 21 no campeonato brasileiro, tornando-me artilheiro do Campeonato Brasileiro à frente de Leivinha [atacante do Palmeiras e da Seleção Brasileira], que marcou 20 gols, Pelé, que também marcou 20 gols.¹ E Ramon, jogando por um clube do Nordeste, que é uma coisa difícil de acontecer, conseguiu marcar 21 gols e ser artilheiro do campeonato brasileiro. O Santa Cruz foi desclassificado, o Palmeiras disputou mais dois jogos contra o Cruzeiro, eu fiquei naquela expectativa, torcendo para que Leivinha não marcasse mais nenhum gol, porque o Santa Cruz já estava fora da competição. Coisa que aconteceu e eu me consagrei artilheiro do campeonato brasileiro de 1973. Outro ponto importante foi que na decisão contra o Sport, na Ilha do Retiro, em 1973, numa quarta-feira à noite, o Santa Cruz venceu de 2 a 0, com dois gols de Ramon, um gol no primeiro e outro no segundo tempo. E o Santa Cruz consagrou-se pentacampeão pernambucano. Daí, por diante, veio aquela confiança de jogador firmado, conhecido nacionalmente, porque eu falei dos campeonatos pernambucanos mas, naquele tempo, a gente já disputava o Campeonato Brasileiro. Em 1971, o Atlético campeão... Mas o Santa Cruz como uma equipe respeitada a nível nacional. Em todos os lugares em que a gente chegava era respeitado. E em 1974 foi o ano em que eu passei machucado, inclusive fui selecionado entre os 40 da seleção brasileira, que disputou a Copa do Mundo da Alemanha, mas não cheguei a participar, porque Zagallo levou 23 como é costume levar; três goleiros e dois jogadores de cada posição. E eu fiquei na expectativa de ser convocado, porque, depois que a seleção brasileira já estava na Alemanha, César, que era o atacante [do Palmeiras], se machucou e criaram aquela expectativa que Ramon seria convocado. Mas, infelizmente, isso não aconteceu e eu nunca baixei a cabeça e continuei minha trajetória, felizmente, vitoriosa. O Santa Cruz também teve uma participação muito boa no campeonato brasileiro

¹ De fato, Ramon foi o artilheiro com 21 gols e Leivinha, que jogou mais partidas do que ele, 40 contra 37, pois o Palmeiras chegou às finais e foi campeão, fez 20 gols. Mas, Ramon foi traído pela memória quanto a Pelé, que, na verdade, marcou 19 gols, enquanto Mirandinha empatou com Leivinha em 20 gols (Nota dos organizadores).

de 1975, chegando em quarto lugar. E tivemos um momento importante, quando, por exemplo, no jogo no Maracanã contra o Flamengo. O Flamengo achava que o Santa Cruz já seria batido antes de começar o jogo, estavam pensando no jogo contra o Internacional e esquecendo que iam jogar contra o Santa Cruz. Não só por isso, mas nós vencemos o Flamengo por 3 a 1, eu também marquei dois gols e um gol de Volnei. E o Zico foi quem fez o gol do Flamengo. Ainda no primeiro tempo, eu marquei 1 a 0, Zico empatou. No segundo tempo, eu marquei 2 a 1 e Volnei, 3 a 1. Então, foi um jogo que ficou na história do Santa Cruz, porque, naquele tempo, era difícil uma equipe chegar no Maracanã e desbancar o Flamengo. Foi uma vitória que foi muito festejada, aqui, pela torcida do Santa Cruz. Para que vocês tenham uma idéia, chegamos no aeroporto, o aeroporto superlotado, carro de bombeiro etc. e etc.

Nova etapa profissional: a saída do Santa Cruz, a breve volta para o Recife, nova saída para o Vasco e o reencontro com a fama

Depois de minha passagem pelo Santa Cruz, eu fui negociado para o Internacional. Aí, joguei no Internacional naquela equipe, que vocês conhecem, que tinha Manga, Figueroa, Falcão, Paulo César Carpeggiani, Lula, Valdomiro, todos jogadores em nível de seleção brasileira. E eu fui contratado para substituir Flávio, que já estava com uma idade até certo ponto adiantada. Eu joguei por essa grande equipe. Eu joguei pelo período de seis meses. Era o artilheiro do campeonato, artilheiro do turno, com 11 gols, o segundo era o jogador do Grêmio, Alcindo, com 10 gols. Mas, no Rio Grande do Sul, o torcedor, a imprensa não achava que eu tinha estatura para ser um jogador do Rio Grande do Sul, que é um futebol de força, muito pesado, vamos dizer assim, de uma disputa muito rígida. Inclusive, eu carregou uma marca, aqui, na perna, até hoje por conta disso, por conta de uma disputa contra um zagueiro da equipe do Bagé. E, com isso, eu fui trocado por Dario, que jogava no Sport. O Sport trocou Ramon, Pedrinho e um quarto-zagueiro, que eu não lembro mais o nome, por Dario. Chegando no Sport eu passei cinco meses, não tive a mesma atuação que tive nas outras equipes em que joguei, que foram o Santa Cruz e o Internacional. Depois de cinco meses, o Sport me negociou para o Vasco da Gama. Quer dizer, em um ano, eu joguei de janeiro a junho no Internacional, de junho a novembro no Sport e em

novembro eu fui para o Vasco da Gama. No Vasco da Gama recuperei minhas boas atuações, sendo campeão da Taça Guanabara, em 1977, e campeão carioca do mesmo ano. Tive uma participação muito importante porque eu era atacante e chegando no Vasco, o maior ídolo do Vasco era Roberto Dinamite. E eu senti, sabia que não ia jogar na posição dele. Quando eu jogava aqui, no Santa Cruz, eu tinha uma tendência natural, mesmo jogando pelo meio, jogando de centroavante, de jogar pelo lado esquerdo. As minhas principais jogadas eram assim, jogando pelo lado esquerdo, recebendo a bola em velocidade, chegava na grande área do adversário cruzava para os colegas, para os companheiros, que vinham junto comigo, que finalizavam. E isso aí me deu uma certa vantagem porque quando eu cheguei no Vasco eu passei a jogar pelo lado esquerdo. Não era um ponta-esquerdo fixo, não ficava fixo. Passei a jogar ao lado de Roberto Dinamite. Também foi um time com grandes nomes, como Mazzaropi, Orlando 'Lelé', Abel, que hoje é técnico do Internacional, Geraldo, Marco Antônio, que foi campeão do mundo em 1970, como lateral esquerdo daquela grande equipe. No meio de campo jogava o Zé Mário, Zanata, Dirceu, outro jogador que também foi de seleção brasileira. E na frente era o Fumanchu, que jogou comigo aqui, [no Santa Cruz,] Roberto e Ramon. Dessa minha passagem pelo Vasco criamos também essa função de dois atacantes, porque eu era atacante e [na época] se jogava com o ponta-direito, o centroavante e o ponteiro-esquerdo. Ou seja, era o sistema de 4-3-3 e daí por diante... E eu não ficava fixo do lado esquerdo. Quando a jogada saía pelo lado direito, eu já entrava na grande área e me juntava a Roberto Dinamite. Isso confundia muito a marcação, porque ele era um jogador muito visado na bola por cima e finalizava muito bem. No momento que a bola ia ser cruzada pelo lado direito, ele corria mais para o lado esquerdo, na segunda trave, e eu saía da esquerda para o lado direito. Então, quando a bola era cruzada, eu já antecipava e conseguia marcar muitos gols assim, mas muitos gols mesmo. Tanto que estava à frente dele em toda a temporada, ou seja, no Campeonato Carioca eu tinha 34 gols e ele tinha 32 gols. Aí, foi quando eu sofri uma contusão e Roberto conseguiu me superar. Com isso, com o rendimento desse time, que foi uma grande equipe, inclusive, o presidente do Vasco comparou com o Expresso de 1950 ou foi 51. Voltou a meia, porque a nossa era branca, ele botou [novamente] uma meia que era então usada [na época do Expresso], que era uma meia 'zebrada', com listas. Fez isso porque fez a comparação dessa equipe de

1977 com a equipe de 1950. Então, foi um grande time, que fez voltar a expectativa de ser convocado para a seleção brasileira, porque eu tinha 27 anos e o futebol era muito alegre, muito decisivo, jogando muito bem e o Vasco ganhando todos os jogos. Nós só não ganhamos o Campeonato Carioca invicto porque o Vasco fez uma excursão para a Europa para disputar o Torneio Ramón de Carranza. Depois, voltou no Rio e veio outra excursão para disputar o Torneio de Paris. Nós jogamos contra o Anderlecht, da Bélgica, o Internazionale, da Itália, e o Paris Saint Germain [, da França]. Aí, na volta para o Rio de Janeiro a delegação voltou cansada e no outro dia jogou contra o América, e perdeu por 2 a 0. Foi o único jogo que nós perdemos em todo o campeonato. Então, foi um ano muito bom, um ano de afirmação. E passei no Vasco em 1978 e 79.

A saída do Vasco, a passagem pelo Goiás, Ceará... O retorno ao Santa Cruz e o fim da carreira de jogador

Em 1979, eu fui negociado para o Goiás. Eu joguei dois anos no Goiás. O Goiás não conquistou nenhum título. O Vila Nova foi bicampeão goiano no período que passei por lá. Eu fui vendido para o Ceará, em 1981. Eu estou dizendo vendido porque naquele tempo existia a Lei do Passe. O Ivan [Brondi de Carvalho, jogador do Náutico dos anos 1960, que participou do Seminário na mesma sessão de Ramon] falou aqui, e eu também sou contra o fim da Lei do Passe, porque, naquele tempo, você se identificava mais com o clube. Hoje, em todo lugar em que estou, me chamam “Ramon do Santa Cruz”, porque eu joguei no Santa Cruz de 1967 a 75. Fui cria, fui formado no Santa Cruz e meu passe pertencia ao Santa Cruz. Quando eu sai do Santa Cruz, depois de participar de todas essas glórias, de toda essa alegria para o torcedor e de afirmação para o Santa Cruz, que fez com que o Santa Cruz crescesse muito com essa conquista desse pentacampeonato, o Santa Cruz ainda teve o direito de me vender para o Internacional por 1 milhão e duzentos mil. Ainda no Santa Cruz eu fui procurado também pelo time do Sporting, de Lisboa, com dinheiro depositado em um banco, aqui, no Recife e eu acertei contrato tudo... E o pessoal do interior: “Meu filho, a gente tem uma vida tão humilde, aqui, você vai embora, vai para distante. Desista disso aí”. E, para você ter uma idéia, o dinheiro que estava no banco era equivalente a uns 200 mil reais hoje. O meu procurador ia

deixar um apartamento comprado na beira-mar em Boa Viagem. Esse seria o investimento. Mas, no outro dia, eu desisti do negócio. E depois, para surgir uma outra oportunidade como essa, realmente, demora um pouco. Demorou até chegar a vez do Internacional me contratar. [Mas,] como estava dizendo, cheguei ao Ceará em 1981, também ajudando o Ceará a ser bicampeão cearense, jogando numa grande equipe do Ceará, formada por jogadores conhecidos daqui, como Lulinha, que foi goleiro do Náutico, Zé Eduardo, que foi um grande jogador a nível nacional. Eu participei dessa equipe. Do Ceará eu voltei para o Santa Cruz. No Santa Cruz ainda joguei em 1983, com Zé do Carmo, Ricardo Rocha, Marco Antônio e outros. E do Santa Cruz eu fui contratado para jogar em São Paulo, na equipe de São José dos Campos. E voltei do São José e ainda passei pelo Ferroviário do Ceará, como jogador. E do Ferroviário eu fui para Brasília, para jogar no Brasília, onde encerrei minha carreira.

Novo recomeço: a carreira de treinador

Passada a carreira de jogador de futebol, comecei a trabalhar como auxiliar-técnico na equipe do Ferroviário. A partir daí, passei a trabalhar como treinador de futebol, inclusive Denô [que também participou da sessão de depoimentos] foi meu atleta, jogava aqui, no Sport, e conheci o futebol dele e pedi a contratação de Denô e nós formamos uma grande equipe no Ferroviário, do Ceará. Fomos campeões, foi um trabalho maravilhoso, onde revelamos vários jogadores e o time foi campeão cearense naquele ano. Em seguida, voltei para o trabalho de base do Santa Cruz, onde nós trabalhamos em cima de revelações como Rivaldo, Válber, Isaías e outros jogadores, que nós trabalhamos na categoria de base para o profissional. Esses jogadores hoje, felizmente, principalmente o Rivaldo, estão numa condição muito boa. Rivaldo chegou à Seleção Brasileira e a ser considerado o melhor jogador do mundo. E minha vida segue assim. Hoje, eu trabalho na Comissão Técnica do Santa Cruz. Eu era auxiliar até segunda-feira, quando foi contratado [Valdir] Espinosa. Espinosa veio com seu auxiliar e eu sou funcionário do Clube e estou à disposição para outra função. Então, essa é a minha história.

Final: memória afetiva, a Usina Trapiche, a música e o futebol

Vou contar uma história para encerrar. Quando cheguei no Santa Cruz brincava muito com meus companheiros: “Eu sou músico. Eu vim da Usina Trapiche, mas eu sou músico. Meu lugar é o melhor lugar”. Aí, tirava brincadeira com Luciano, que é de Pesqueira: “Ninguém conhece Pesqueira. Conhece Sirinhaém, que tem praia”. E um belo dia, nós saímos para inaugurar um Estádio em Salgueiro. Estava no vestiário, todo mundo trocado [uniformizado], se preparando para entrar. Aí, o pessoal da banda estava de lado, pronta para tocar o hino nacional na entrada dos times. Aí, Luciano e Cabral falaram: “Ramon não falou que é músico? Vamos pedir ao pessoal da banda para botar ele para tocar”. “Ele toca tuba”. “Mas eu não toco tuba”. “Não, mas você vai tocar tuba”. “Não, eu não toco”. “Então, o que é que você toca?”. “Ah, eu toco trompa e piston”. “Mas eu não lembro mais. Faz muito tempo que eu toquei na banda lá, da Usina”. Aí, eu fiz a escala: dó, ré, mi, fá, só, lá, si. “Não, isso não. Você vai ter que tocar alguma coisa”. Mas eu não consegui tocar nada, nem na trompa nem no piston. E ficaram atrás de mim no vestiário. Eu fiquei de lá para cá e já entrei aquecido por causa disso. Essa é a minha história.

Vencer a discriminação regional com profissionalismo

Sobre a discriminação contra o jogador nordestino no Sul, eu posso dizer que eu sempre me preparei para que não ocorresse. Como? Sempre procurando jogar bem, me preparando no lado físico, técnico. Sendo, acima de tudo, muito profissional. Saía do treino... Nós, que somos treinadores, falamos sempre para o atleta que após o trabalho você também tem que se cuidar, se preparar para o jogo. Dentro da minha condição, eu convenci o treinador, torcida, imprensa de que realmente era um jogador importante para ser titular. Uma das coisas que aconteceram, até engraçadas, foi que, no Vasco, eu falei para vocês, eu sabia que não ia ser titular na posição de centroavante, porque tinha Roberto. Então, em determinado sábado de manhã, antes de começar o treino, chegou o ponteiro-esquerdo, que seria a possível posição que Ramon ia jogar. Ele era o titular, era o jogador de nome Galdino. Então, ele chegou direto do samba, com os instrumentos, aqui, debaixo do braço, ainda batendo dentro dos vestiários. Aí, eu pensei comigo:

“É nessa posição que eu vou jogar”. E não deu outra. Como eu me preparava mais, eu me cuidava mais, tinha uma condição melhor para jogar. Trabalhei, convenci, pelos gols que marquei, pela atuação que tinha ao lado de Roberto Dinamite, e me firmei como titular. A ponto de que, quando aconteceu minha lesão, ou um problema qualquer, meus próprios companheiros se reuniam e pediam para que eu jogasse. Então, felizmente, eu... No caso, Abel [Braga], por exemplo, hoje é treinador, eu lembro de uma determinada decisão, que ele chegou e me chamou no quarto e disse: “Vamos lá, supera isso aí, vamos jogar”. Então, em relação a minha pessoa, felizmente, nunca aconteceu qualquer tipo de discriminação, porque era um jogador que era goleador, que era o homem que definia, que decidia. E, felizmente, por onde eu passei consegui confirmar tudo isso e por onde passei nunca senti esse tipo de discriminação por parte de ninguém.

Sua passagem pelo Sport e identificação com o Santa Cruz.

Por que eu não peguei o ‘caminho do Sport’? Porque, como eu lhe falei, quando eu cheguei da Usina, fui em linha reta, porque se eu me perdesse voltava e pegava o ônibus de volta para Usina. Em relação a eu ter sido vendido rápido, saído com pouco tempo do Sport, é que o meu rendimento, na realidade, no Sport, não foi o mesmo rendimento que eu tive em outras equipes, principalmente no Santa Cruz. E passou um jogo, dois, três e eu não conseguia marcar. Isso me deu uma insegurança muito grande. E fui ficando inseguro a ponto de chegar para o técnico, o Paulinho de Almeida, e pedir a ele para me deixar de fora por uns jogos para ver se eu recuperava aquela segurança nos treinamentos e depois voltava à equipe. E ele falou: “Não, não vou tirar você do time, porque você é um atleta importante dentro do meu sistema. E não fique inseguro porque você não está marcando os gols, mas você está abrindo espaço para que os companheiros marquem”. A minha insegurança era tanta que viajamos para Sergipe, para Aracaju, e chegamos em Aracaju de madrugada, e eu estava [concentrado] no outro dia de manhã, quando chegou a notícia que Ramon fora vendido para o Vasco. E tinha um colega, Orlando, um ponteiro-esquerdo, que ele brincava e ficava imitando Ralph de Carvalho, [repórter e comentarista esportivo] daqui, do Recife, e fazia umas ‘entrevistas’ com os companheiros, de um telefone de um quarto para um outro. Aí, chega, toca o telefone no meu quarto: “Olha, lembra aí,

que você tem que descer que você foi vendido para o Vasco”. Eu falei: “Olha, Orlando, pára de brincadeira, rapaz! Uma hora dessa, a gente de madrugada e você está aqui brincando”. Só acreditei, realmente, que tinha sido negociado para o Vasco, quando o supervisor chegou no quarto e falou “Olha, vamos na Transbrasil, que você vai para o Recife, e do Recife embarca para o Rio de Janeiro”. E minha insegurança estava tanta que, quando cheguei no Vasco, no segundo dia, no treinamento, eu consegui marcar quatro gols. Aí, é uma coisa que, às vezes, você passa e não tem como explicar. Jogar no Sport contra o Santa Cruz é como estivesse traindo uma namorada, vamos dizer assim. Realmente, eu me senti desse jeito, porque a camisa do Sport realmente pesou. A gente tinha uma identidade muito grande com o Santa Cruz. Foram oito anos. O Santa Cruz foi que me formou, me projetou a nível nacional, fiquei conhecido nacionalmente graças ao Santa Cruz. E eu não tinha outra opção, pelo seguinte: eu estava em Porto Alegre, estava fazendo muito frio, eu tenho um problema até hoje, que é uma rinite alérgica. E de vez em quando ataca e era uma dificuldade muito grande. E estava querendo voltar. E o que apareceu para eu voltar foi exatamente a troca por Dario. Foi um negócio muito rápido, porque era uma noite do mês de junho, no dia 29 de junho de 1975, o negócio foi combinado entre as diretorias, e eu estava em casa e [quando] fui informado já eram onze e meia da noite. E eu tinha que me decidir porque, no outro dia, às seis horas da manhã, tinha que pegar o voo para Recife. E eu tinha que decidir em meia hora. Aí, me levaram para o escritório do presidente, e quando eu cheguei no escritório do presidente do Internacional já era meia noite. E conversei com o presidente do Sport e aceitei a proposta como foi feita em termos financeiros. Fui em casa, preparei as coisas rápidas. Deixei os restos das coisas que eu tinha no apartamento com o supervisor do Internacional e embarquei com a mulher e com o filho às seis horas da manhã. Melhor dizendo, quando cheguei no aeroporto o avião teve uma pane, não pode sair de Porto Alegre... Só foi sair de Porto Alegre.... Por que toda essa presa? Porque a inscrição [para o Campeonato Pernambucano] no outro dia se encerrava às 18 horas. Terminou que eu tive que pegar um voo, que teve que fazer [escalas em] São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Aracaju, Maceió, Recife. E quando cheguei aqui, no Recife, no Aeroporto dos Guararapes, já por volta de 17:30, tive que assinar o contrato dentro do avião e ir direto para o Recife Antigo, que era o local que tinha para tirar uma foto. Até às 18 horas eu tinha que ser registrado na

Federação Pernambucana. Eu e mais dois jogadores, que foram contratados junto comigo. Então, foi uma coisa assim, que eu tinha que decidir em 20 minutos, e devido às minhas crises, os meus problemas, eu realmente aceitei vir para o Sport.

A relação dos jogadores de futebol com os estudos em sua época

Veja bem, você treina, treina muito forte, muito duro, às vezes por dois períodos e, no nosso tempo, por exemplo, não tinha assim a oportunidade de estar saindo de concentração para estudar. O treinador naquele tempo segurava um pouco. Para você ter uma idéia, eu ‘concentrava’ na sexta-feira, após o coletivo à tarde para jogar no domingo. Aí, era liberado para ir para casa. Na terça-feira você concentrava à noite para jogar na quarta-feira. Alguns, como Ivan e outros, chegaram no treinador e exigiram para sair para estudar. Eu, uma pessoa humilde, vindo do interior... “O que eu tenho para vencer na vida é isso aqui, vou dedicar toda a minha força, toda a minha ficha naquilo que eu tenho, que é, realmente, a habilidade, a técnica, a velocidade. De ser um jogador em nível de seleção brasileira”. Infelizmente, não tive essa oportunidade de estudar. Estudei, mas estudei pouco, lá no Colégio Nossa Senhora das Graças, em Sirinhaém. Chegando aqui, na categoria de base, ainda estudei no Colégio Municipal, na rua da Soledade. Depois, a vida foi dedicada totalmente ao futebol. Aí, eu fiquei um pouquinho para trás, você fica para trás. Mas não deixo de incentivar os jogadores que são comandados por nós, nós estamos sempre incentivando. Por exemplo, minhas filhas são todas formadas. Eu tenho uma filha formada, aqui, em Engenharia de Pesca, na Universidade Federal. Aquilo que não veio para mim, graças a Deus, eu consegui dar para os meus filhos. Minha preocupação com os estudos... Eu sei que a família e os estudos são a base de tudo. Mas eu não tive essa oportunidade. Então, segui a minha carreira de futebol e hoje, graças a Deus, continuo. Consigo ter uma condição de vida de classe média.

A experiência com técnicos de futebol: os ‘teóricos’ e os ex-jogadores

Em relação ao treinador, eu já tive experiência de trabalhar com o ‘teórico’ e com aquele que já foi jogador de futebol. Evaristo de Macedo, por exemplo, que é um técnico de nome, renomado, e que jogou em grandes

clubes, ele passava a parte tática, a orientação para gente. Mas também quando você não conseguia fazer aquilo que ele pedia, ele chegava no campo e mostrava. Ele mesmo ia para lá, ia, ali, com a bola etc. Ele ensinava para gente. Também tive oportunidade de trabalhar com um teórico, que coloca tudo ali no quadro e tal. Mas, às vezes, pelo menos comigo aconteceu alguns momentos, você chega no campo e aquilo não está dando certo. E você tem que mudar. Eu mudei muitas vezes: “Olha, eu vou jogar de uma outra maneira aqui, porque da forma como foi passado não está dando certo”. E depois ele agradeceu, porque naturalmente veio o resultado. Em relação à imprensa desde o início de minha carreira, eu aprendi com Duque (ex-treinador de futebol), que com imprensa não se briga, você tem que ter um tratamento com a imprensa da melhor maneira possível.